



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
UNIDADE DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – UEaD
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO - CCAE
LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA INGLESA A DISTÂNCIA**



Thais da Silva Rodrigues

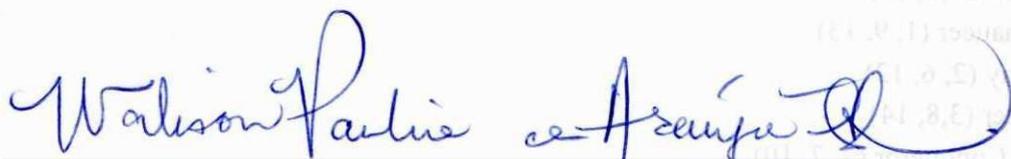
A PSICOLINGUÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUAS

**MAMANGUAPE/PB
2022**

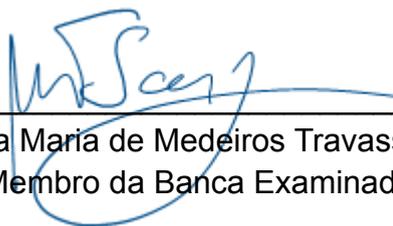
Thais da Silva Rodrigues

A PSICOLINGUÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUAS

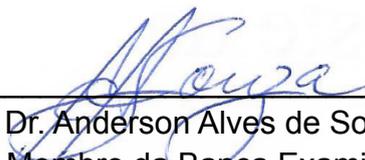
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras - Inglês da Universidade Federal da Paraíba, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciado em Letras - Inglês, defendido e aprovado pela banca examinadora constituída pelos professores:



Prof. Dr. Walison Paulino de Araújo Costa – UFPB
Orientador/Presidente



Profa. Dra. Márcia Maria de Medeiros Travassos Saeger – UFPB
Membro da Banca Examinadora



Prof. Dr. Anderson Alves de Souza – UFPB
Membro da Banca Examinadora



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
 UNIDADE DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – UEaD
 CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO - CCAE
 LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA INGLESA A DISTÂNCIA



A PSICOLINGUÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUAS

Thais da Silva Rodrigues – UFPB – rodrigues.thais33@gmail.com

Prof. Dr. Walison Paulino de Araújo Costa – UFPB – walliecoast@yahoo.com.br

Profa. Dra. Márcia Maria de Medeiros Travassos Saeger – UFPB –
 marciatsaeger@yahoo.com.br

Prof. Dr. Anderson Alves de Souza – UFPB – andersondesouza@netscape.net

RESUMO

O presente artigo se propõe a fazer uma discussão acerca da Psicolinguística com base em Wouk (1975), Pereira (2010) e Maia (2018) entre outros, além de explorar todo seu desenvolvimento, especialmente no que se refere à segunda língua. Como objetivo geral, esta pesquisa almeja discutir de que forma a Psicolinguística tem sido uma importante área de estudos, principalmente para a aquisição e para o ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras. Como objetivos específicos, a pesquisa pretende refletir sobre os pressupostos da Psicolinguística no que tange à língua materna e discutir sobre os aspectos psicolinguísticos envolvidos no contexto de ensino e aprendizagem de línguas. O estudo possui caráter bibliográfico, abordagem qualitativa e natureza explicativa. O trabalho tem como principal resultado o fato da Psicolinguística atuar desde muito tempo enquanto forte contribuinte para o campo da aquisição e para o ensino e aprendizagem de línguas, especialmente no que se refere ao contexto escolar. Uma das conclusões obtidas durante a pesquisa é a de que as discussões na área de Psicolinguística podem contribuir para o processo de aprendizagem não apenas de outras línguas, como também da língua materna, pois seus métodos devem estar em sintonia com a realidade cognitiva, de interesse, capacidades e competências do estudante.

Palavras-chave: Psicolinguística. Aquisição. Ensino-aprendizagem

ABSTRACT

This article proposes to discuss Psycholinguistics based on Wouk (1975), Pereira (2010) and Maia (2018) among others, in addition to exploring its entire development, especially with regard to the second language. As a general objective, this research aims to discuss how Psycholinguistics has been an important area of study, mainly for the acquisition and teaching/learning of foreign languages. As specific objectives, the research intends to reflect on the assumptions of Psycholinguistics regarding the mother tongue and discuss the psycholinguistic aspects involved in the context of language teaching and learning. The study has bibliographic character, qualitative approach and explanatory nature. The main result of this work is the fact that Psycholinguistics has been acting for a long time as a strong contributor to the field

of language acquisition and teaching and learning, especially with regard to the school context. One of the conclusions obtained during the research is that discussions in the area of Psycholinguistics can contribute to the learning process not only of other languages, but also of the mother tongue, since its methods must be in tune with the cognitive reality, of interest, abilities and competences of the student.

Keywords: Psycholinguistics. Acquisition. Teaching-learning.

1 INTRODUÇÃO

Falar do uso e aprendizagem a respeito da língua é uma das preocupações dos linguistas. Além de haver a necessidade de desvendar alguns de seus aspectos, faz-se necessário também verificar e compreender o processo psicolinguístico, uma vez que o desenvolvimento da psicolinguística tem grande relevância quando se trata de aquisição e de aprendizagem de línguas.

O processo de aprendizagem acaba sendo diferente para cada ser humano, porém, existem alguns padrões de aprendizagens desenvolvidos pelas áreas da Psicolinguística.

A disciplina de Psicolinguística tem como um de seus focos os estudos sobre a aquisição de línguas estrangeiras, podendo contribuir grandemente no processo de ensino e aprendizagem de outras línguas. Portanto, pretendeu-se com esse trabalho apresentar os principais processos da Psicolinguística, além de explorar todo seu desenvolvimento, especialmente no que se refere à segunda língua.

Diante de inúmeros motivos para aprender uma língua estrangeira, faz-se necessário considerar que, de acordo com Maia (2018), o mundo tem se tornado cada vez mais multilíngue já que ele se encontra em constante mudança. Diante da necessidade de saber outras línguas, é necessário que os cidadãos estejam capacitados para usá-las. Podendo a Psicolinguística ser uma grande aliada para a real aprendizagem de línguas estrangeiras, tem-se como pergunta de pesquisa: quais são as contribuições do campo psicolinguístico para a aquisição e para o ensino/aprendizagem de línguas no contexto escolar?

Para que possamos responder à pergunta de pesquisa temos como objetivo geral: discutir de que forma a Psicolinguística tem sido uma importante área de estudos principalmente para a aquisição e para o ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras. Para que o objetivo geral fosse alcançado foram determinados como objetivos específicos: refletir sobre os pressupostos da Psicolinguística no que tange

à língua materna; e discutir sobre os aspectos psicolinguísticos envolvidos no contexto de ensino e aprendizagem de línguas.

Segundo Sampaio, França e Maia (2015), desde a década de 1960, a Psicolinguística tem avançado tecnológica e metodologicamente. Além disso, sua preocupação com questões como mecanismos da linguagem são pontos que podem favorecer o aprendizado no que se refere às línguas estrangeiras. Dessa forma, a pesquisa se fez necessária devido à relevância do tema e à necessidade de mais investigações que explorem a temática dentro do cenário educacional.

A temática do trabalho justifica-se ainda devido ao interesse para o tema e diante da experiência da autora com uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública, na qual se tiveram muitos desafios para com o aprendizado de uma segunda língua. Dessa forma, acredita-se que o trabalho em questão poderá servir como fonte de estudos para pesquisadores na área, podendo ser um comparativo para trabalhos futuros, assim como fundamento para professores em prol de maior conhecimento a respeito das contribuições do campo psicolinguístico para a aquisição e para o ensino/aprendizagem de línguas no contexto escolar.

A presente pesquisa classifica-se com bibliográfica, uma vez que seu estudo se deu a partir de fontes anteriormente produzidas, como artigos contidos em periódicos e livros. O referido trabalho teve também natureza qualitativa, pois foram considerados fatores dinâmicos não ligados à quantidade e sim às suas singularidades. Além disso, teve caráter explicativo, considerando que se teve o intuito de investigar a forma e efeito de determinado fenômeno (GIL, 2017).

O artigo está dividido em cinco tópicos, sendo: Psicologia, Linguagem e Neurociências, que faz uma síntese a respeito das noções dessas três áreas, sua história e ligação ao decorrer da história; Linguística Aplicada: aquisição e aprendizagem de línguas, que faz um apanhado histórico a respeito da Linguística aplicada e suas contribuições para com a sociedade até os dias atuais; Psicolinguística, trazendo uma introdução sobre sua história e áreas e focos de estudo; Psicolinguística para o ensino de línguas, que tem como foco as contribuições da Psicolinguística no que se refere ao ensino de línguas estrangeiras; Considerações Finais, onde podemos nos voltar para a pergunta de pesquisa inicialmente posta.

2 Psicologia, Linguagem e Neurociências

Para abordar as áreas Psicologia, Linguagem e Neurociência, é necessário que seja compreendido de que cada termo trata, seus aspectos fundamentais e, principalmente, seus pontos de encontro.

Para Soltes e Raupp (2014, p. 02)

A linguagem é uma ferramenta que está presente a todo o momento em nossas vidas [...] A linguagem é o meio de interação que conecta quem está produzindo ao seu público, o qual irá ver ou ouvir a mensagem. De qualquer modo, esta mensagem será lida

Em termos mais gerais Sampaio, França e Maia (2015, p. 232) definem que

A linguagem é um objeto de estudo amplo cujos limites ainda não conhecemos. Ao estudá-la temos que nos contentar em observar pequenos pedaços, através de diferentes angulações. Somente assim é possível pesquisar a mais complexa e humana de todas as cognições

Desse modo, a linguagem é um campo pelo qual estamos rodeados dadas as suas diversas e complexas manifestações. Por ser tão amplo, torna-se uma área extensa e complexa, porém, de possível compreensão.

No que tange à definição da Neurociência, Ventura (2010, p. 123) especifica que “A neurociência compreende o estudo do sistema nervoso e suas ligações com toda a fisiologia do organismo, incluindo a relação entre cérebro e comportamento”.

De acordo com Sampaio, França e Maia (2015), o ramo da Neurociência já foi relativamente novo, sendo portanto, uma área não tão conhecida no passado.

É importante ressaltar que, por volta do século XIX, a neurociência passou a estudar de forma efetiva a linguagem, momento no qual foram relacionados “problemas específicos de desempenho linguístico a lesões corticais”, sendo esse o momento primeiro em que é feita relação entre linguagem e cérebro (SAMPAIO; FRANÇA; MAIA, 2015, p. 234).

De acordo com Maia (2018, p. 2001), somente por volta dos anos 1980, a neurociência passou a ser vista enquanto ciência interdisciplinar. A partir disso, “Estudos na área das Neurociências têm fornecido evidências importantes sobre a organização do cérebro e as bases neurais da aprendizagem humana”.

No que se refere às contribuições da área de neurociências para a linguagem, pode-se dizer que foram plausíveis estudos que evidenciam a Língua Adicional (LA)

enquanto primordial para um melhor desenvolvimento de funções executivas na infância. A respeito desse fato, Maia (2018, p. 204) explica que “é grande o número de pesquisas que evidenciam um desenvolvimento acelerado das funções executivas em crianças que fazem uso diário de duas ou mais línguas”.

Scliar-Cabral (2014, p. 41) afirma que “A espécie humana caracteriza-se por possuir um aparato biopsicológico que lhe permite construir cultura material e espiritual e por plasticidade neuronal capaz de aprender novos traços”. Além disso a autora explana que

Evidências trazidas pelos experimentos da neurociência demonstram que a região occipitotemporal ventral esquerda prefere cadeias bem formadas de letras às cadeias que desobedecem às regras grafotáticas de uma dada língua. Isto prova que tal conhecimento não é inato: os neurônios pertencentes à região especializada para reconhecer as palavras escritas precisam ser reciclados para aprender o sistema específico (SCLiar-CABRAL, p. 44).

Vê-se, portanto, o quanto foi essencial que a neurociência a partir de uma visão interdisciplinar visasse a linguagem enquanto foco importante de estudo.

Outro ponto primordial é a participação da Psicologia no estudo da linguagem. De acordo com Castro (2016, p. 13)

a Psicologia é considerada uma ciência da área social ou humana que tem como objeto de estudo a subjetividade humana, através dos processos mentais, sentimentos, pensamentos, razão, inconsciente e o comportamento humano e animal.

Quanto ao enlace da linguagem com a Psicologia, pode-se dizer que ele surgiu no início do século XIX em estudos da Psicologia Experimental (SAMPAIO; FRANÇA; MAIA, 2015).

No início do século XX, devido ao surgimento da linguística, a linguagem passou a ter maior visibilidade e pôde ser vista enquanto ciência autônoma (SAMPAIO; FRANÇA; MAIA, 2015, p. 234).

Quanto ao que se refere à aquisição da língua por meio de questões biológicas, é possível afirmar diante de evidências feitas por Sampaio, França e Maia (2015) que esse foi um posicionamento inicialmente abordado pelo linguista e cientista cognitivo Noam Chomsky, por volta dos anos 1960.

Apesar desse segundo momento em que a linguagem é relacionada ao cérebro, somente diante do avanço tecnológico na área de Neuroimagens, em

meados do século XX, foram possíveis grandes avanços no que tange à Neurociência da Linguagem, especialmente em pessoas neurotípicas.

Portanto, é viável considerar que, inicialmente, as áreas Psicologia, Linguagem e Neurociência, mesmo que em seus fundamentos estivessem associadas, nos estudos não estavam atreladas uma à outra necessariamente. Porém, ao longo dos anos, foi-se percebendo que havia ligações entre si e que, portanto, uma necessitava da outra. Dessa forma, criou-se o contexto para a formação de áreas como a Neurolinguística e Psicolinguística.

3 Linguística Aplicada: aquisição e aprendizagem de línguas

Antes de ser uma área de estudos e até mesmo de ser considerada a ciência da linguagem, a Linguística já era vista enquanto uma forma de investigação da linguagem. No entanto, não se tinha notícia de estudiosos que a visualizavam enquanto campo científico.

É importante ressaltar que, inicialmente, a Linguística foi estudada tendo sintonia com estudos antropológicos que se preocupavam em verificar a forma como fora estabelecida a linguagem no período pré-histórico (CYRANKA, 2014).

Torna-se pertinente esclarecer também que a Linguística enquanto campo de estudo da linguagem iniciou como apoio para outras ciências, além de ciências como Arqueologia e Filosofia. Contudo, mesmo após tornar-se uma ciência independente, a Linguística ainda atua em conjunto com outras ciências, como por exemplo, a Neurociência.

Torna-se evidente, a partir de leituras feitas de Wouk (1975) e Cerutti-Rizzatti, Koerich e Kuerten-Dellagnelo (2008) que, considerando a evolução dos estudos da linguagem, a ciência em questão teve um grande desmembramento, surgindo a chamada Linguística Aplicada – LA. Essa ramificação da Linguística surgiu após a Segunda Guerra Mundial diante da necessidade de compreensão de línguas distintas. Porém, após décadas, viu-se a necessidade de melhor adequação de seus estudos, já que o objeto de seu estudo ia cada vez mais focalizando determinados objetos, motivo por que ela passa por fases que evidenciam seu caráter trans/interdisciplinar e intercultural. Atualmente,

a Linguística Aplicada transita da condição de mais uma disciplina dos estudos linguísticos para a condição de campo de conhecimento, que se erige em uma perspectiva inter/multi/ pluri/trans disciplinar e no bojo da qual

várias disciplinas se entrecem, se enovelam (CERUTTI-RIZZATTI; KOERICH; KUERTEN-DELLAGNELO, 2008, p.39).

Assim, a LA não mais é apenas a ciência que se limita ao ensino de línguas, agora seu foco “estende-se a problemas social, cultural e historicamente relevantes”, sempre tendo como mira soluções para essas problemáticas (CERUTTI-RIZZATTI; KOERICH; KUERTEN-DELLAGNELO, 2008, p. 40).

Todavia, ainda destaca-se entre os estudos da Linguística Aplicada o ensino e a aprendizagem e línguas estrangeiras, sendo um dos principais focos dessa ramificação a aquisição da primeira e da segunda língua (ECKERT; FROSI, 2015).

A aquisição de uma língua não se resume ao simples fato de estudarmos determinada língua. Pelo contrário, a aquisição está ligada a adquirir, tomar para si. Ou seja, esse ato nada mais é que ter conhecimento satisfatório quanto a determinado idioma e, principalmente, fazer uso dele.

O ensino de língua inglesa tem sido muito recorrente não somente nos países em desenvolvimento como até mesmo em países subdesenvolvidos, pois essa tem sido a língua mais predominante. Dessa forma, para aprender inglês é importante ter ciência da existência de métodos e coerência para que seja obtida melhor eficiência na aprendizagem (ECKERT; FROSI, 2015).

Antes de fazermos referência à aquisição de línguas estrangeiras, é importante ressaltar, segundo os estudos gerativistas, que, de forma inata, nascemos com a predisposição de aprender/adquirir a língua materna, que é a primeira língua com a qual temos contato, geralmente a língua que nossos familiares e pessoas mais próximas falam.

Quanto à aquisição no contexto das línguas, em alguns casos, é importante distinguir esse processo quando nos referimos à primeira e à segunda língua. Isso acontece porque¹, quando criança tem contato apenas com a língua materna. Ela tem uma aquisição da segunda língua de forma um pouco mais retardada (WOUK, 1975).

Já nos casos em que a criança tem a possibilidade de ensino e contextos bilíngues, a aquisição da língua materna e da segunda língua será quase que simultânea, levando em consideração a defasagem que se tem ao aprender outras línguas na fase adulta (WOUK, 1975).

¹ Essa primeira definição está ligada à aprendizagem da língua, considerando pessoas que não tiveram acesso a uma aprendizagem bilíngue, enquanto a segunda se refere às crianças que tiveram ensino e contato bilíngue.

Percebe-se, dessa forma, que para a aquisição da língua materna, especialmente no que se refere à língua falada, basta ter contato com uma língua no contexto familiar e/ou social como um todo. Enquanto para a aquisição da segunda língua, haverá diferenças quanto ao tempo (faixa etária) da pessoa, tempo de estudo e tempo de contato com a língua.

Além disso, Wouk (1975) e Sampaio, França e Maia (2015) refletem que, quando estudada tardiamente, a aquisição também dependerá da facilidade cognitiva do cidadão que está estudando e/ou tendo contato direto com essa segunda língua, também conhecida como Língua Adicional.

Desse modo, quando a aquisição não se dá nos primeiros anos de vida, torna-se uma questão mais complexa, dependendo de inúmeros contextos, como sua disposição cerebral/mental e tempo de contato direto com a língua, fatores que serão primordiais para uma “aprendizagem” efetiva.

Quando se tem um efetivo ensino de uma língua adicional é possível obter resultados impressionantes.

os resultados de pesquisas que reforçam a contribuição da aprendizagem de línguas adicionais para o desenvolvimento de habilidades cognitivas de domínio mais geral, que extrapolam o domínio linguístico, como as funções executivas, a memória e a atenção (MAIA, 2018, p. 200)

Ou seja, a aprendizagem de línguas adicionais contribui não somente em adentrar a novas culturas, maiores possibilidades no mercado de trabalho e tantas outras melhorias quanto às questões linguísticas, como também verdadeiras transformações cerebrais.

Ainda a respeito do poder de ultrapassar questões linguísticas, de acordo com Maia (2018, p. 201), as línguas estrangeiras auxiliam o aprendiz de forma a modificar “a estrutura do cérebro e nos auxiliam a desenvolver comportamentos e habilidades que nos capacitam a resolver problemas e desempenhar tarefas no mundo”.

Faz-se necessário esclarecer que, assim como a aquisição, a aprendizagem de línguas, além do estudo, contato e tempo de ambos, depende predominantemente de uma disposição cerebral, que, nesse caso específico, é denominado como plasticidade neural (MAIA, 2018).

Desse modo, dependendo do quanto essa parte cerebral é estimulada ou não, haverá satisfatória ou insatisfatória aprendizagem de outras línguas. Portanto,

para que tenhamos sucesso no processo de aprendizagem de línguas adicionais, é necessário que tenhamos consciência da existência e importância da plasticidade neural.

Para o processo de aprendizagem e compreensão do processo de ensino de uma língua estrangeira, pesquisadores e professores utilizam-se de estudos psicolinguísticos que na contemporaneidade atuam como fonte de estudos do processo da linguagem humana.

4 Psicolinguística

Quando a linguagem passa a ser considerada uma área que necessita ser estudada, algumas pesquisas e ramos surgem de acordo com a necessidade de estudo dessa área. Como visto alhures, a psicologia foi uma das áreas já existentes a interessar-se pelos diversos comportamentos, motivações e funcionamentos da língua (PEREIRA, 2010)

Contudo, foi visto a importância e/ou necessidade de estudos mais aprofundados. A partir disso, a junção da Psicologia com a Neurofisiologia deu origem à chamada Psicolinguística (WOUK, 1975) (SAMPAIO; FRANÇA; MAIA, 2015).

No entanto, há estudiosos que mencionam que a Psicolinguística seria uma área interdisciplinar que surgiu apenas por meio da Psicologia e Linguística, não tendo vínculos com outras áreas para sua formação (SÁ; FONSECA; MARTINS, 2015).

Podemos dizer, portanto, que a área em questão pode ter surgido não apenas originada da Psicologia e Neurofisiologia ou da Psicologia e Linguística, como das três. Contudo, não temos fatos históricos que comprovem quaisquer dessas conclusões feitas. Embora saibamos, todavia, que independentemente de qual tenha sido sua origem, a Psicolinguística hoje perpassa as três áreas.

Essa afirmação pode ser respaldada com a afirmação que WOUK (1975, p. 125) faz, ao evidenciar que a Psicolinguística se preocupa com

percepção de sons peculiares à língua falada, - b) aspectos neurofisiológicos da linguagem, de modo especial do processo de irritação nas áreas corticais anterior (Broca) e posterior (Wernicke), os principais centros da linguagem, e cujo papel ainda não se conhece exatamente; c) mecanismos motores da

linguagem,- d) mecanismos da linguagem ideacional e as relações entre linguagem e pensamento.

Para explicar o surgimento dessa área de forma mais simplificada, Pereira (2010, p. 48) menciona que “A Psicolinguística é uma ciência que começa a se constituir por ocasião das primeiras preocupações do homem com o pensamento e suas relações com a linguagem”.

Vale ressaltar que essa nova disciplina surgiu por volta da década de 1950 e que, inicialmente, ela se detinha a meras questões relacionadas à gramática. De acordo com Sampaio, França e Maia (2015, p. 242) “a Psicolinguística de George Miller se aproximou ainda mais da teoria gramatical, passando a testar a realidade psicológica da Gramática Transformacional”.

Esquivando-se de teorias gramaticais, a Psicolinguística passa a “se ocupar das estruturas superficiais, não derivacionais, para estabelecer os mecanismos psicológicos que guiam o processamento da linguagem” (SAMPAIO; FRANÇA; MAIA, 2015, p. 243).

Após inúmeros percursos pelos quais sua formação e estudos passaram, pode-se dizer que, atualmente,

a Psicolinguística analisa qualquer processo que diz respeito com a comunicação humana, mediante o uso da linguagem (seja ela de forma oral, escrita, gestual etc.). Essa ciência também estuda os fatores que afetam a decodificação, ou seja, as estruturas psicológicas que nos capacitam a entender expressões, palavras, orações, textos.

Ou seja, após sua passagem por formatos superficiais, a Psicolinguística torna-se de forma concreta e organizada enquanto sendo a ciência que estuda a linguagem e mente em suas mais diversas formas e situações sociais.

É válido esclarecer que devido às ramificações que, ao longo do tempo, foram surgindo na área, questões sociais, culturais, entre outras, são atualmente uma das preocupações da Psicolinguística. Essas ramificações se deram de modo decisivo, de acordo com o momento em que a Psicolinguística uniu-se especialmente às áreas Sociolinguística e Educação (ECKER; FROSI, 2015).

Através de estudos fundamentais sobre a área em questão, é importante afirmar que a Psicolinguística é uma

disciplina que estuda o processamento da linguagem humana, pode contribuir para um maior entendimento sobre a aprendizagem de uma língua

adicional no que tange a dinâmica de interação das línguas no cérebro de um aprendiz de LA ou falante bilíngue (MAIA, 2018, p. 205).

Portanto, a psicolinguística tornou-se não somente uma ciência que estuda questões relacionadas à linguagem em si, mas ela dá também grande contribuição quanto ao ensino de línguas, corroborando assim de forma significativa com o cenário educacional (PEREIRA, 2010) (MAIA, 2018).

5 Psicolinguística para o ensino de línguas

A Psicolinguística é uma ciência que entre seus focos de estudo estão possíveis fatores que podem, de alguma forma, afetar a decodificação. Esse foco está ligado à abordagem quanto ao processo aquisitivo da primeira língua, a chamada língua materna, assim como à aquisição de uma segunda língua, também conhecida por língua estrangeira ou língua adicional (PEREIRA, 2010) (MAIA, 2018) (WOUK, 1975).

Ou seja, uma das preocupações da psicolinguística é o estudo de aquisição de línguas. Desse modo, há, em meio a esse campo científico, estratégias que permeiam o propósito de instrumentos, métodos e modelos apropriados para que haja de forma mais incisiva e igualitária a aprendizagem de línguas (PEREIRA, 2010) (MAIA, 2018).

De acordo Pereira (2010), utilizam-se em estudos psicolinguísticos instrumentos que muito contribuem para evoluções na área sobre a aquisição de outras línguas.

Para investigar a compreensão, são de uso frequente o questionário, o resumo, o cloze, a escolha simples, a escolha múltipla, o falso/verdadeiro, a entrevista. Para pesquisar o processamento da compreensão, o protocolo verbal é utilizado seguidamente. [...] os softwares de captura, que registram ações de leitura no computador; o eyetracking, que verifica os movimentos oculares; o RSVP – Rapid Serial Visual Presentation, que registra a leitura de textos com sincronização dos estímulos auditivo e visual; a RM, que verifica a anatomia do cérebro; a RMf, que verifica as funções cerebrais; a tomografia computadorizada, que analisa o cérebro em tridimensão; e o eletroencefalograma, que verifica, com base em eletrodos, os sinais elétricos emitidos pelo cérebro (PEREIRA, 2010, p. 50)

Os estudos a respeito da aquisição da língua feitos pela área em questão estão relacionados com os mais diversos aspectos. Alguns exemplos são o estudo tanto com adultos como com crianças, bilinguismo infantil ou cultural, situações formais e escolares (PEREIRA, 2010) (MAIA, 2018).

Portanto, percebemos que a área tem grande abrangência e que, além de não se limitar ao estudo apenas com pessoas adultas ou apenas com crianças, ela tem interesse pelo ambiente escolar.

Quanto às contribuições dessa área, especialmente ligada ao ensino, Maia (2018, p. 205) afirma que tanto no meio escolar como social, a Psicolinguística “pode contribuir para um maior entendimento sobre a aprendizagem de uma língua adicional [...] a dinâmica de interação das línguas no cérebro de um aprendiz de LA ou falante bilíngue”.

Além disso Maia (2018) esclarece que as “Neurociências e a Psicolinguística aliadas à Educação podem vir a contribuir com o trabalho prático de professores no desenvolvimento de estratégias pedagógicas que estimulem o processo de aprendizagem de LA e o tornem mais eficaz” (MAIA, 2018, p. 210).

Desde anos antes da década de 1970, havia estudos da área em questão que passavam instruções que poderiam causar melhorias para o ensino/aprendizagem de línguas. De acordo com Wouk (1975), instruíam-se que:

O material lingüístico deve apresentar-se sempre em situação, a fim de que se possa chegar à percepção dos conjuntos lingüísticos desconhecidos por intermédio da estrutura dos conjuntos conhecidos, lingüísticos ou não. Se, por acréscimo, for possível relacionar essa situação com as necessidades específicas do aluno, tal processo provocará uma motivação favorável à aprendizagem [...] A apresentação deve ser feita segundo o método estruturo-global; isto é, cada conjunto lingüístico (fonético ou sintático) deve estar relacionado a um conjunto conceitual, de maneira a constituir uma mensagem, e não limitar-se a fonemas e vocábulos isolados [...] Os modelos propostos não devem ser longos, mas limitados a poucas unidades silábicas, para não sobrecarregar a memória [...] O ensino de uma língua estrangeira não pode apoiar-se em motivação comparável com a da língua materna; é preciso criar estímulos [...] O ensino da língua estrangeira está baseado na assimilação de hábitos lingüísticos e não na análise teórica dos fenômenos lingüísticos (WOUK, 1975, 132-133).

Estudos de Maia (2018) mostram algumas contribuições práticas para o ensino de línguas, que podem ter grande relevância durante o processo de ensino e aprendizagem.

atividades de tradução da L1 para a L2, nomeação de figuras, classificação e categorização de objetos, através de instrução explícita e análise contrastiva devem ser empregadas no ensino de conceitos comuns às línguas para direcionar a atenção dos aprendizes às diferenças às vezes sutis que podem existir nos conceitos entre as línguas (MAIA, 2018, p. 210).

Dessa forma, os alunos poderão compreender que, por mais distinta que a língua estrangeira estudada seja da língua materna do aprendente, poderá haver

similaridades e diferenças simples que poderão contribuir de forma mais abrangente para seu aprendizado.

Além disso, é proposto que durante o ensino de línguas estrangeiras,

ao ensinar conceitos que são específicos de uma língua, ou de uma cultura, deve-se pensar em atividades de discussão trabalhando com definições particulares da LA, utilizando palavras e frases relacionadas ao conceito em contextos diversos e apresentar exemplos concretos através de figuras, fotos ou vídeos (MAIA, 2018, p. 210).

O autor justifica essa forma de exercer as atividades, devido a esse método ser capaz de

auxiliar não somente na aquisição de novos conceitos e significados mas também de outras informações lexicais, tais como a pronúncia e a grafia das palavras. Por fim, se a atividade objetiva o fortalecimento do acesso direto a conceitos da LA, Tytus (2014) sugere que o professor faça uso limitado da LA e de traduções da LA para a L1. Esta, no entanto, pode ser utilizada com maior frequência nesse tipo de atividade no caso de aprendizes em estágio inicial (MAIA, 2018, p. 211).

Diante da possibilidade de distrações e esquecimento ao longo do processo de aprendizagem de determinado conteúdo para a aprendizagem de outra língua, é necessário que o professor esteja ciente de que “atividades mais curtas em sala de aula, terão resultados melhores do que atividades muito longas” (MAIA, 2018, p. 211).

Outro fator importante para a aprendizagem de uma língua adicional é que o professor compreenda que, na realidade atual, seja adultos seja crianças, estamos recebendo diferentes informações a todo o momento, acessando nossa memória. Sendo assim, “Ao conhecer o funcionamento da memória de trabalho e suas limitações, o professor poderá dosar os estímulos do ambiente escolar, privilegiando as informações ou conhecimentos que devem ser aprendidos naquele momento” (MAIA, 2018, p. 212).

Além disso, Maia (2018) explana sobre a importância de haver no ambiente escolar, especialmente na sala, colaboração. Dessa maneira, possivelmente, os aprendentes têm mais protagonismo no processo de aprendizagem e que são feitas também conexões entre os conteúdos e sua realidade cotidiana.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a pesquisa foi possível perceber que a Psicolinguística atua desde muito tempo enquanto forte contribuinte para a aquisição e para o ensino e aprendizagem de línguas, especialmente no que se refere ao contexto escolar, uma vez que foi possível perceber através das pesquisas de Wouk (1975), Pereira (2010) e Maia (2018), por exemplo, instrumentos e métodos que possibilitam um ensino e aprendizado mais eficaz quando o assunto é o ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras.

Pode-se afirmar, portanto, que a Psicolinguística, como visto, desde antes da década de 1975, tornou-se relevante para com a aquisição e ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras. Antes mesmo desse período, essa ciência já vinha desenvolvendo discussões sobre a aquisição e ensino/aprendizagem de línguas, não somente no que se refere às línguas estrangeiras, como também a materna.

Quanto aos aspectos psicolinguísticos envolvidos no contexto de ensino e aprendizagem de línguas, pode-se dizer que a mente e a forma como ela é trabalhada nesse processo é o fator relevante, uma vez que a maneira como se dá o ensino deve ir de acordo com o contexto do aluno, levando em consideração, para a efetiva aprendizagem, suas particularidades como sujeito, como indivíduo.

Enfim, a área em questão muito pode contribuir para o processo de aprendizagem não apenas de outras línguas, como também da língua materna, uma vez que seus métodos devem estar em sintonia com a realidade (cognitiva, de interesse, capacidades e competências) do estudante, sendo necessário para isso um ambiente dinâmico e propulsor ao mesmo tempo, em que o aluno não seja apenas um ser passivo, mas sim ativo e ciente de seu processo de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

CASTRO, R. A. **Psicologia Geral**. 2016. Disponível em: <https://riu.ufam.edu.br>. Acesso em: 10 set. 2022.

CERUTTI-RIZZATTI, M. E; KOERICH, R; KUERTEN-DELLAGNELO, A. Introdução à linguística aplicada. Florianópolis: Licenciatura em Letras Espanhol/Centro de Ciências da Educação/UFSC, 2008.

CYRANKA, L. F. M. Evolução dos estudos linguísticos. **Revista Práticas de Linguagem**. v. 4, n. 2, 2014, 160-198 p.

ECKER, K; FROSI, V. M. Aquisição e aprendizagem de línguas estrangeiras: princípios teóricos e conceitos-chave. **Domínios de lingu@gem**. v. 9, n. 1, 2015, p. 198-216.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

SÁ, A. V. F; FONSECA, S. M. H. P; MARTINS, E. D. **Código de linguagem**. 1. Ed. 2015.

MAIA, M. **Psicolinguística e educação**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2018.

SAMPAIO, T. O. M; FRANÇA, A. I; MAIA, M. A. R. Linguística, psicologia e neurociência: A união inescapável dessas três disciplinas. **Revista Linguística**: vol.11, nº 1, 2015, p. 231-251.

PEREIRA, V. W. Pesquisa em Psicolinguística: antecedentes, caminhos e relatos. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 45, n. 3, p. 48-53, 2010.

SAMPAIO, T. O. M; FRANÇA, A. I; MAIA, M. **Linguística, psicologia e neurociência**: a união inescapável dessas três disciplinas. *Revista Linguística*, v. 11, n.1, 2015, p. 230-251.

SCLIAR-CABRAL, L. Neurociência: novo enfoque epistemológico. In: **Linguagem e cognição**: processamento, aquisição e cérebro. (org) Augusto Buchweitz, Mailce Borges Mota. Porto Alegre: Edipucrs, 2014. 37-50 p.

SOLTES, V; RAUPP, E. S. **A intencionalidade na propaganda publicitária**. 2014. 22f. Artigo (Graduação em Letras Português/Espanhol) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, PR. 2014.

VENTURA, D. F. Um Retrato da Área de Neurociência e Comportamento no Brasil. **Psicologia**: Teoria e Pesquisa, Brasília, v. 26 n. 2010, p. 123-129.

WOUK, M. D. A psicolinguística e o ensino de línguas. **Letras**, Curitiba. 125-134 p. 1975.